

QUAIS HISTÓRIAS A CIDADE DE PORTO ALEGRE/RS NOS CONTA:

Uma proposta didática para (re) pensar a história da nossa cidade

Hélen Fagundes da Silva ¹

Vitoria Angela Paim ²

Roselane Zordan Costella ³

RESUMO

Este resumo traz uma prática desenvolvida durante o Estágio Curricular IV, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Colégio Estadual Paula Soares, em Porto Alegre – RS. A partir de uma escuta ativa da professora preceptora da escola referente ao contexto escolar em que está inserida, foi possível desenvolver uma prática com a Geografia Escolar que movimentasse as identidades dos estudantes e rompesse com os paradigmas eurocêntricos presentes nos nomes das ruas da cidade de Porto Alegre (RS). O objetivo desta prática buscou estimular o protagonismo dos estudantes, refletindo sobre as invisibilidades ocasionadas dentro da cidade através das suas próprias histórias. A prática intitulada “Quais histórias a cidade de Porto Alegre nos conta?” Se propôs a contextualizar estas invisibilidades, sobretudo, as que alcançam as minorias negras, periféricas e LGBTQIPAN+. Os estudantes foram convidados a renomear as ruas da cidade de Porto Alegre que são, por sua vez, um importante movimento de representação da história de um espaço. Os estudantes receberam uma folha que simulava uma placa de rua e solicitamos que nela escrevessem o nome de uma pessoa que, em sua opinião, deveria ser representada em nomes de ruas. A prática demonstrou a relevância de propor uma leitura do lugar através das vivências dos estudantes. Ficaram visíveis as relações de exploração em diferentes tempos e espaços quando os estudantes observavam as “autoridades” que apareciam nomeando ruas. Desta forma, foi instigante o momento em que, substituindo estas “autoridades” foram escolhidas pessoas fortes que representavam aquela turma de alunos.

Palavras-chave: Invisibilidades históricas, Protagonismo, Geografia Escolar, Ensino de Geografia, Porto Alegre.

1 OUVIR PARA UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

Há três décadas que ando pelas ruas de Porto Alegre. Frequentei as quebradas mais profundas desta cidade e, ocasionalmente, alguns dos setores mais luxuosos também. Só que eu nunca tive direito a Porto Alegre. E, mais do que isso, nunca tive sequer consciência de não ter direito à cidade (José Falero, 2021, p. 162).

¹ Mestranda na linha de pesquisa de Ensino de Geografia do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, helenfagundes16@gmail.com;

² Mestranda na linha de pesquisa de Ensino de Geografia do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, pimmvitoria@gmail.com;

³ Orientadora e Professora no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, professoracostella@gmail.com.



Assim como relata o escritor porto-alegrense José Falero (2021), encontramos no ambiente escolar estudantes, com vivências semelhantes a ele, que tinham pouca ou nenhuma relação de pertencimento com a cidade que habitam.

A prática pedagógica foi realizada no Colégio Estadual Paula Soares⁴, com uma turma de 1º ano do Ensino Médio, no município de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A ideia inicial partiu da professora da turma que, ao observar o contexto dos seus estudantes, percebeu a ausência de pertencimento entre eles com e na cidade. Enquanto estagiárias na disciplina de Estágio Curricular IV, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), inserimo-nos na turma com o objetivo de dar continuidade ao trabalho da professora e realizamos junto aos alunos e alunas a prática aqui descrita.

O planejamento desta prática partiu do movimento de ouvir os estudantes, a partir da roda de conversa que ocorreu na escola com o Deputado Estadual Matheus Gomes⁵ sobre os atuais territórios negros de Porto Alegre. Fomos motivadas a construir uma proposta que buscasse refletir as falas dos estudantes, em que casos de racismo foram denunciados, tanto no ambiente escolar, quanto nos espaços da cidade. Além disso, os estudantes discutiram sobre a sua inserção nos espaços da cidade e a recorrente falta de representatividade em muitos locais de Porto Alegre e de como esta constatação intensifica a invisibilidade de muitas histórias que foram e são produzidas na cidade em que eles habitam cotidianamente.

Nesse sentido, nosso encontro teve como objetivo responder coletivamente à pergunta: quais histórias a cidade de Porto Alegre nos conta? Partindo do questionamento das representações e simbologias contidas no território de Porto Alegre. A discussão girou em torno da substituição, retirada ou contextualização de monumentos, estátuas, nomes de ruas que evocam a suposta “glória” de períodos de exploração e opressão a grupos sociais excluídos e marginalizados. Partindo do princípio de que cada interferência no tecido urbano nos conta uma história e no caso dos monumentos e nomes de ruas não é diferente.

Desta maneira, propomos refletir quais valores e mensagens essas representações transmitem para o presente e, sobretudo, para a futuro, pois, em uma sociedade como a nossa,

⁴ O Colégio Estadual Paula Soares, está localizada na Rua General Auto, 68, Centro Histórico – Porto Alegre (RS). Atende as etapas que correspondem aos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, nas modalidades de Ensino Regular. Atualmente conta com 723 matrículas. Ver em: Censo Escolar, 2022, INEP.

⁵ Matheus Pereira Gomes é um político filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Foi eleito deputado estadual pelo PSOL a uma cadeira na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, nas eleições estaduais de 2022. Seu mandato é voltado para a defesa de movimentos sociais e o combate ao racismo no município de Porto Alegre (RS).



constituída a partir dos desdobramentos do período colonial escravista, é muito comum que eles estejam a serviço da manutenção de injustiças históricas.

As etapas da proposta didática convidam os estudantes a pensar onde se encontram na cidade de Porto Alegre e, a partir da história do lugar, compreender a maneira como percebem e relacionam-se com a história da cidade. Os nossos estudantes enfrentam diariamente as invisibilidades produzidas pelos mecanismos da cidade, que frequentemente os excluem. Dessa maneira, entende-se que enquanto professoras de Geografia devemos desnaturalizar as verdades impostas, especialmente aquelas relacionadas às percepções e vivências dos alunos em relação à sua cidade. Portanto, partindo das suas próprias vivências, buscamos mobilizar aquilo que é importante para eles e elas, promovendo o seu protagonismo em sala de aula e construindo juntos geografias significativas.

2 QUAIS HISTÓRIAS A CIDADE NOS CONTA?

Partindo das atribuições do planejamento do qual estávamos inseridas referente aos Territórios Negros de Porto Alegre e as mobilizações observadas na roda de conversa com o Deputado Matheus Gomes, pensamos a prática “Quais histórias a cidade de Porto Alegre nos conta?” Para ser construída em 2 períodos de 50 minutos. Considerando a premissa de que os estudantes e as suas ações reflexivas são o produto da aprendizagem (Costella, 2015, p. 39), iniciamos a aula ouvindo os nossos estudantes, suas considerações sobre a roda de conversa e, também, as suas frustrações em relação aos relatos.

A partir disso, convidamos os estudantes a observar o mapa de Porto Alegre, buscando identificar em quais bairros cada um mora, como chegam à escola e quais invisibilidades identificam durante o trajeto. Este momento teve como propósito levantar as suas experiências, as perspectivas que possuem do espaço e as interações entre os diversos lugares. Da mesma forma, foi intencionado o movimento de pensar a presença negra no Centro Histórico da Cidade de Porto Alegre durante a época colonial e a presença negra na contemporaneidade, principalmente nas ‘bordas’ da cidade, causando estranhamento em relação às invisibilidades históricas e espaciais. Esta desnaturalização foi possível graças a aula sobre os Territórios Negros: afro-brasileiros em Porto Alegre⁶.

⁶ Os Territórios Negros: afro-brasileiro em Porto Alegre provêm de uma ação desenvolvida pela Secretária Municipal de Educação com a parceria da Companhia Carris (que ceder o ônibus), a Secretaria Adjunta do Povo Negro e a Empresa de Processamento de Dados de Porto Alegre (PROCEMPA). O projeto consistia em um passeio cultural em um ônibus temático com fins pedagógicos, que percorre com professores e alunos antigos territórios negros urbanos da cidade de Porto Alegre: através da experiência visual, os estudantes reflete sobre os espaços da cidade utilizados pelo povo negro, desde a época da escravidão, até os dias atuais. Ver em: https://www2.portoalegre.rs.gov.br/gpn/default.php?p_secao=18.



Dando continuidade à aula, realizamos a contextualização destas histórias e invisibilidades produzidas dentro de Porto Alegre, especialmente as que alcançam as minorias negras, indígenas e LGBTQIPAN+, partindo do debate das memórias que eles possuem da cidade de Porto Alegre. A memória da cidade se caracteriza por ser um compilado de lembranças dos grupos sociais que podem ser compartilhadas coletivamente. De acordo com Daniele Machado Vieira (2017), as cidades têm memórias, mas nem todas estão presentes nas representações sobre a cidade, sendo necessário à sua recuperação através de registros.

Nesse sentido, tendo como linha inicial a presença negra na cidade de Porto Alegre, entendemos que refletir e resgatar a memória dos grupos marginalizados no espaço urbano da cidade através das vivências dos nossos estudantes é uma maneira de construir conceitos geográficos importantes, com potencial de ressignificações das representações usuais, além de propor a construção de referenciais para a memória coletiva da cidade. Abreu (1998) contribui para este entendimento ao dissertar que:

É através da recuperação das memórias coletivas que sobram do passado (estejam elas materializadas no espaço ou em documentos), e da preocupação constante em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade (muitas das quais certamente fadadas ao desaparecimento) que poderemos resgatar muito do passado, eternizar o presente, e, garantir às gerações futuras um lastro de memória importante para a sua identidade (Abreu, 1998, p. 15).

Após a troca de conhecimentos, iniciamos a prática com uma pergunta de desafio: “E se imaginássemos outras histórias para nossa cidade?” Neste momento, entregamos aos estudantes uma folha que simulava uma placa de rua e solicitamos que o grupo pensasse em quais personalidades representativas deveriam, em sua opinião, serem lembradas e homenageadas em nomes de rua. Utilizamos como exemplo a Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA) em que as salas de aula levam nomes de três mulheres negras, símbolos da luta pela democracia e justiça social: Marielle Franco, Conceição Evaristo e Elza Soares. Por que as salas de aula levam esses nomes? E por que não os lembrar pela cidade, para que todos tenham a oportunidade de conhecê-las? Outros exemplos trazidos pelos estudantes foram utilizados, estruturando a proposta da prática.

Por fim, uma das preocupações desta proposta foi em conjunto com a Geografia escolar, oportunizar uma leitura do cotidiano dos estudantes, instigando-os a refletir sobre a sua cidade de vivência. Ao mobilizarmos os estudantes a (re) contarem a história de Porto Alegre através das suas representatividades e memórias, estamos dando voz às muitas histórias que compõem a cidade de Porto Alegre.



3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

“Eu escolhi homenagear na placa a ‘Nega Diaba’ que é a minha vó, para mim um símbolo de mulher negra e, também, porque ela foi a primeira vereadora negra de Porto Alegre” (Consideração de uma estudante durante a prática, 2023).

A citação que abre esta seção corresponde a um dos relatos que ocorreu em sala de aula. Uma das estudantes, ao apresentar a pessoa que ela escolheu homenagear, trouxe a ex-vereadora porto-alegrense Teresa Franco⁷, mais conhecida como ‘Nega Diaba’. Ao ser questionada, a sua fala demonstrou a importância para aquela jovem da representatividade: a aluna escolheu homenagear a avó pela sua força como mulher negra.

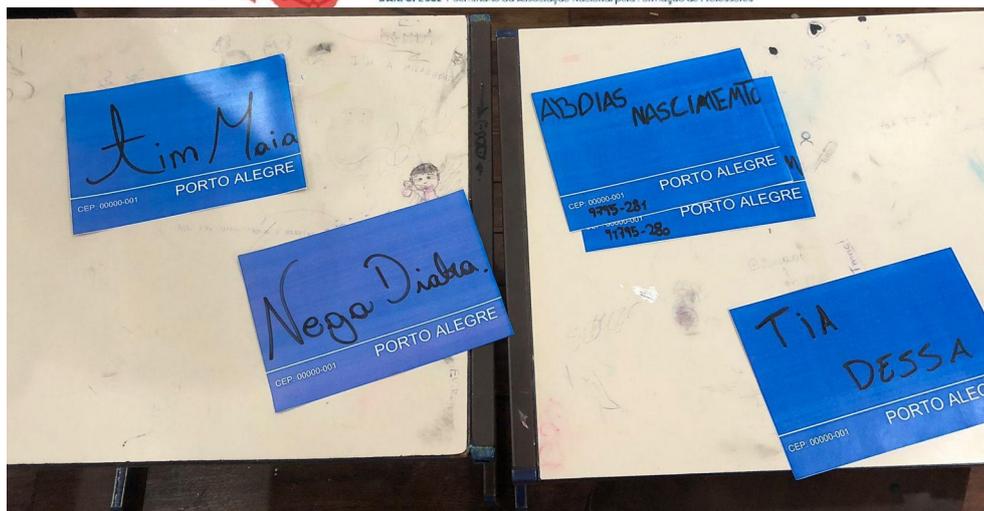
Após os estudantes finalizarem a escrita dos nomes homenageados nas placas de rua, os convidamos para que eles apresentassem a sua placa e contassem um pouco a história das pessoas que eles decidiram homenagear e o porquê.

Os resultados que observamos foram heterogêneos, assim como as próprias cidades (Figura 01). De acordo com Abreu “[...] a cidade não é um coletivo de vivências homogêneas” (1998, p.14). Entre os nomes que surgiram, destacamos alguns: Abdias Nascimento, Tim Maia, Dandara dos Palmares, Mano Brown, Roberta Close, Pelé, Márcia Pantera, Cacique Raoni, Erika Hilton, entre outras representatividades. Em consonância com o autor Abreu, as relações propiciadas pelas estruturas presentes na cidade são diferentes e atravessam as pessoas de maneiras distintas. O mesmo espaço da cidade causa sensações diferentes aos jovens estudantes, se considerarmos as suas interseccionalidades.

Figura 01. Resultados da prática.

⁷ Teresa Franco foi uma figura política filiada ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Eleger-se vereadora pelo PTB para a 12ª Legislatura da Câmara Municipal de Porto Alegre, período de 1997 a 2000. Teresa Franco foi a primeira mulher negra eleita vereadora titular da Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Seu mandato foi em defesa do assistencialismo aos bairros periféricos da capital gaúcha. Ficou conhecida pelo apelido de Nega Diaba por conta de uma situação que ocorreu enquanto a mesma ainda morava nas ruas. Ver em: <https://memorial.camarapoa.rs.gov.br/galeriadasmulheres/teresa-franco/>





Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023.

Nesse sentido, os resultados da prática mostraram que os estudantes consideraram, conscientemente ou não, as suas próprias percepções sobre os espaços, as sociedades, as relações diárias, entre outros pontos. Além disso, notou-se ao longo dos relatos e das observações, a relevância de propostas didáticas que potencialize o protagonismo dos estudantes, sobretudo, para que seja possível a construção de aulas partindo dos estudantes e das suas vivências. Ao propormos geografias significativas que considerem as narrativas do grupo, estamos contribuindo para a construção de uma visão de mundo consciente, sem silenciamentos e apagamentos.

Por fim, pedimos que os estudantes trouxessem para a aula seguinte uma apresentação contando a história da pessoa que eles escolheram compor a sua placa de rua. Entre as entregas, uma nos chamou atenção, a estudante que escolheu homenagear a avó Nega Diaba trouxe uma apresentação de slides sobre a personalidade, contando a sua história de vida e a sua importância para a história de Porto Alegre. A aluna solicitou ir até a frente da sala e apresentar aos colegas a sua pesquisa e contar sobre a sua avó. O que observamos foi que não estava falando apenas de uma pessoa que admirava, mas alguém de quem ela sentia-se representada, alguém que, através da sua história, compunha a sua identidade como porto-alegrense, como mulher negra e como cidadã.

Este momento de ruptura dos nomes das placas de rua que evocam um passado pouco representativo, foi um importante movimento para colocar os nossos estudantes no centro do processo educativo, construindo uma proposta em que fosse possível refletir sobre a cidade de Porto Alegre através dos seus lugares de vida e dos seus pares. Além disso, entende-se que através da Geografia e o seu campo de conhecimento podemos “produzir estranhamentos para



com as coisas do mundo” (Menezes, 2022, p. 96). Neste sentido, desnaturalizar a história que está posta através dos símbolos espalhados pela cidade é uma forma de movimentar estruturas e propor uma aprendizagem significativa do espaço.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] a Geografia, acertadamente, já provou que a construção do espaço parte dos sujeitos e, portanto, a compreensão dos Lugares se inicia nos espaços de vivência do aluno (Menezes, 2022, p. 108).

Ao propor uma aprendizagem geográfica significativa, é importante partir das concepções dos estudantes sobre os seus espaços vivenciados. Assim, os conceitos e os dados não serão apenas memorizados, mas interpretados com base em um contexto próximo e, muitas vezes, compartilhado entre os membros da turma. Neste sentido, compreende-se que a Geografia, como disciplina escolar, colabora na construção do mundo dos estudantes, um mundo que constantemente e diariamente age sobre eles.

Refletir sobre a cidade de Porto Alegre e a história que seus simbolismos evocam é, também, promover a construção de uma consciência reflexiva sobre os seus lugares de vida. Ao trazer para a sala de aula seus bairros, suas vivências, as representações, suas memórias e histórias, estamos destacando o papel ativo do aluno em todo o processo de construção do conhecimento.

Ao convidarmos os estudantes a trazerem suas vivências para a sala de aula e a partir delas, definir suas representatividades através das homenagens nas placas de ruas, estamos possibilitando que eles pensem nos seus espaços e nos seus lugares, dando voz a grupos que são invisibilizados, oportunizando que eles contem a sua própria história e, conseqüentemente, a história da sua cidade de outras perspectivas. Enquanto escrevíamos este texto, refletimos sobre o ‘dar voz’ aos estudantes, aqui entende-se como ‘dar voz’ não apenas ouvi-los, mas considerar o que eles estão dizendo e construir práticas que lhes conferem protagonismo. Afinal, em que outro momento da educação básica a estudante jovem, negra e periférica teve a oportunidade de falar sobre a sua avó ‘Nega Diaba’? E não apenas citá-la, mas apresentá-la como um símbolo.

Por fim, a construção desta proposta foi capaz de mobilizar as histórias e as memórias dos estudantes. As geografias que emergiram na sala de aula foram um importante movimento para (re) montar as percepções dos estudantes sobre os simbolismos na cidade de Porto Alegre. Retomando a epígrafe que abriu este texto do escritor periférico José Falero, sobre o direito à cidade de Porto Alegre e o não pertencimento, acreditamos que a partir da



constatação de que o crescente apagamento de grupos e culturas que constituem os jovens da sala de aula, não impede que, os mesmo se mobilizem e se posicionem resistindo as injustiças que constantemente os atravessa.

Como professores temos a oportunidade de propor a reflexão e os estudantes a oportunidade de usá-las para modificar o mundo. Por isso, acreditamos na escola, nos professores e nos alunos.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Colégio Estadual Paula Soares pelo acolhimento e por ser um espaço formativo para muitos estagiários (as) e residentes ao longo de toda a graduação.

Agradecemos também aos estudantes da turma 101, este trabalho não seria possível sem a parceria da turma. Sigam sempre criando novas geografias.

Por fim, agradecemos a nossa professora orientadora, Roselane Zordan Costella, por acreditar em nosso trabalho, além de toda sua contribuição para a formação no curso de Licenciatura em Geografia da UFRGS e da construção do Programa de Pós-Graduação em Geografia da mesma universidade. És um exemplo e inspiração para nós.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: FRIDMAN, Fania; HAESBAERT, Rogério (Orgs.). Escritos sobre espaço e história. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 27-54.

COSTELLA, Roselane Zordan. Para onde foi a Geografia que penso ter aprendido. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Orgs. et al.). Movimentos para ensinar Geografia: rompendo rotações. Porto Alegre: Evangraf, 2015, p. 29-40.

FALERO, José. Mas em que mundo tu vive?: crônicas. São Paulo: Todavia, 2021.

MENEZES, Victória Sabbado. A presença da Geografia ausente: o outro que me constitui. In: SANTOS, Leonardo Pinto dos; KAERCHER, Nestor André; COSTELLA, Roselane Zordan; MENEZES, Victória Sabbado. Os caminhos passam pel@s alun@s: Saberes e (des) construções nas aulas de Geografia. Goiânia: C&A Alfa Comunicações, 2022, p. 90-124.

VIEIRA, Daniele Machado. Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177570>.

